

Mais sangue na Estrutural

Terceiro confrontamento do ano entre PMs e moradores deixa um saldo de 32 feridos e 51 presos

ANA SÁ E
JULIANA STECK

Um saldo de mais de 32 feridos e 51 presos foi o resultado da operação deflagrada ontem pelo Governo do Distrito Federal para apreender mercadorias e demolir madeireiras e supermercados em situação irregular na invasão da Estrutural. No confronto, dois policiais militares também foram detidos porque deram um tapa num invasor quando ele já estava preso.

Este foi o terceiro confrontamento ocorrido este ano, quando moradores tentaram impedir a ação da polícia para acabar com a invasão. A Polícia informou que não quis prender ontem nenhum líder para evitar um maior número de feridos ou alguma morte.

Operação - Eram 9h20 quando os 530 policiais militares, 36 fiscais da Receita do Distrito Federal e dois fiscais da Administração Regional do Guará entraram na invasão para iniciar a operação. A primeira providência foi fechar a Via Estrutural. Os moradores fizeram uma barreira humana logo na entrada para tentar impedir a derrubada. Foi quando uma pedra, jogada por um morador, atingiu a Toyota do administrador militar da Estrutural, major Wolney Rodrigues da Silva. Dois microônibus e algumas viaturas da PM também foram alvo de pedradas.

O Batalhão de Choque entrou em cena e começou o confronto armado. De um lado, os moradores, inclusive crianças, entrincheirados com pedras e fundas (bolas de gude atiradas com estilingues), a mesma arma usada pelo personagem bíblico Davi para vencer o gigante Golias, e pedaços de borracha com pregos, para furar pneus das viaturas. E, do outro, policiais com balas de

borracha, bombas e jatos de gás lacrimogênio, três carros blindados, cassetetes e cães, além da Cavalaria da PM.

Feridos - Protegidos pelo Batalhão de Choque, os tratores da Administração do Guará e da Novacap começaram a agir. O tratorista Agenor Moreira dos Santos, da Novacap, foi atingido por uma bala no ombro. Um funcionário da Administração do Guará, Valdecy Ferreira de Oliveira, que estava em uma viatura, foi surpreendido por pancadas de pedras e pela explosão de uma bomba caseira (coquetel molotov, gasolina colocada numa garrafa com pavio). Os cacos de vidro da garrafa atingiram o olho do fiscal.

De ambos os lados, ocorreram vítimas, que foram levadas para o Hospital Regional do Guará. Os casos mais graves foram transferidos para o Hospital de Base. "Do total de feridos, 50% são policiais militares atingidos por pedradas", disse o comandante Regional de Policiamento, Augusto Willer. Alguns moradores, entre eles mulheres grávidas, passaram mal, por causa do nervosismo e do efeito do gás lacrimogênio e foram socorridos pela viatura do Corpo de Bombeiros. Esmeralda Aparecida, 38 anos, desmaiou e recebeu atendimento.

O invasor Antônio Carvalho Siqueira, 30, foi atingido por balas na garganta e no peito e Carlos Henrique dos Santos, 17, levou um tiro de bala de borracha na coxa esquerda. O promotor de Justiça Paulo Gomes de Souza Júnior duvidou da origem do tiro que atingiu Siqueira. "Se fosse um tiro de arma de fogo, teria estourado sua garganta. Também não podemos garantir que esse tiro partiu da PM. Houve muitos tiros de ambas as partes e pode ter havido uma bala perdida".

Presos são levados para ônibus

Dois microônibus da Polícia Militar, estacionados do lado de fora da invasão, serviram de celas provisórias para acomodar os moradores presos por usar pedras e fundas. Eles eram trazidos arrastados e, muitos deles se machucaram no conflito. Quatro deles, menores de 18 anos, foram transferidos para um outro ônibus, onde também estava a única mulher detida, a dona-de-casa Zuleide Alves. Ela foi presa quando procurava o filho de 10 anos numa das ruas da invasão onde ocorria o confronto entre policiais e moradores. Os outros foram levados ou para o hospital, ou para a 3ª Delegacia de Polícia.

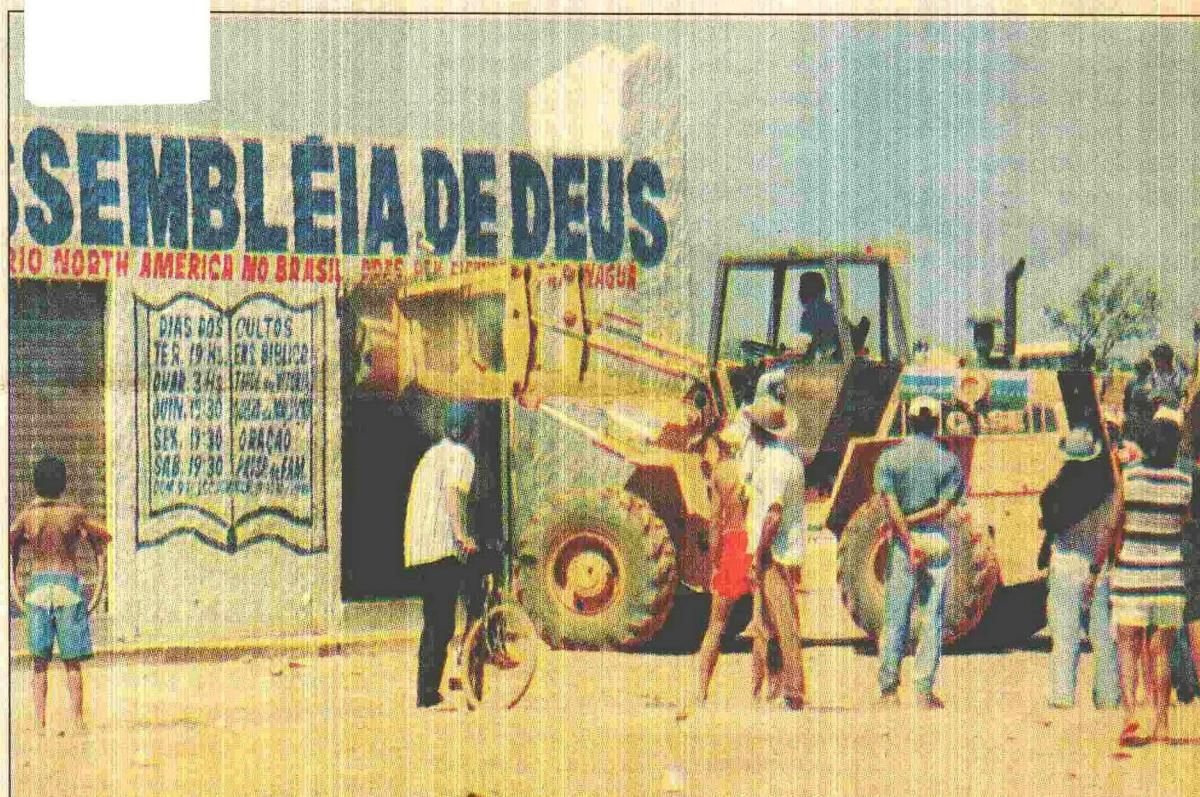
"Este é o carro da tortura", gritava Gilson Freire da Costa pela janela do microônibus, enquanto acusava dois policiais de terem quebrado seu braço. Os detentos pediam para que alguém buscasse seus documentos e avisasse as famílias. Muitos choravam desesperados e gritavam que não eram bandidos e sim trabalhadores e pais de famílias.

Saldo - O confronto só acabou às 13h30, quando foi derrubada a caixa d'água e a Igreja da Assembleia de Deus e creche evangélica, que, segundo o

comando da PM, "servia de fachada da madeireira" de Marlene Mendes, presidente da Associação dos Moradores da Estrutural (Asmoes).

Na operação também foram demolidas outras três madeireiras e três supermercados e apreendido todo o estoque de material de construção civil encontrado. "Depois dessa operação, vai reduzir o crescimento da invasão", disse o comandante Augusto Willer. Seis equipes da Receita do Distrito Federal trabalharam na apreensão da mercadoria. O agente fiscal Expedito Henrique informou que somente sua equipe apreendeu oito caminhões de areia, brita e madeira. Toda mercadoria foi levada para o Depósito de Bens Apreendidos da Secretaria de Fazenda e Planejamento, no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA).

Depois que os policiais se retiraram, os invasores descarregaram sua ira contra os jornalistas. Na Via Estrutural, carros de reportagem e da Secretaria da Fazenda foram atacados com pedradas. Uma Kombi da TV Brasília e uma Blazer da Rede Globo também foram atingidas e tiveram os vidros quebrados.



Acusada de ser "fachada" de madeireira, a igreja foi derrubada, além de outros seis barracos comerciais

Promotores elogiam a operação

Na avaliação preliminar feita pelos promotores de Justiça Nísio Tostes Filho e Paulo Gomes de Souza Júnior, a operação de ontem na Estrutural foi "perfeita". Eles só registraram um caso de violação dos direitos humanos cometido pelos dois policiais - identificados como soldado Noel e sargento Otone -, que esbofetearam um invasor depois que estava preso.

Nísio Tostes Filho frisou que o Ministério da Justiça ainda fará uma avaliação mais apurada do confronto, analisando fotos e filmagens produzidas na manhã de ontem na Estrutural. "Se

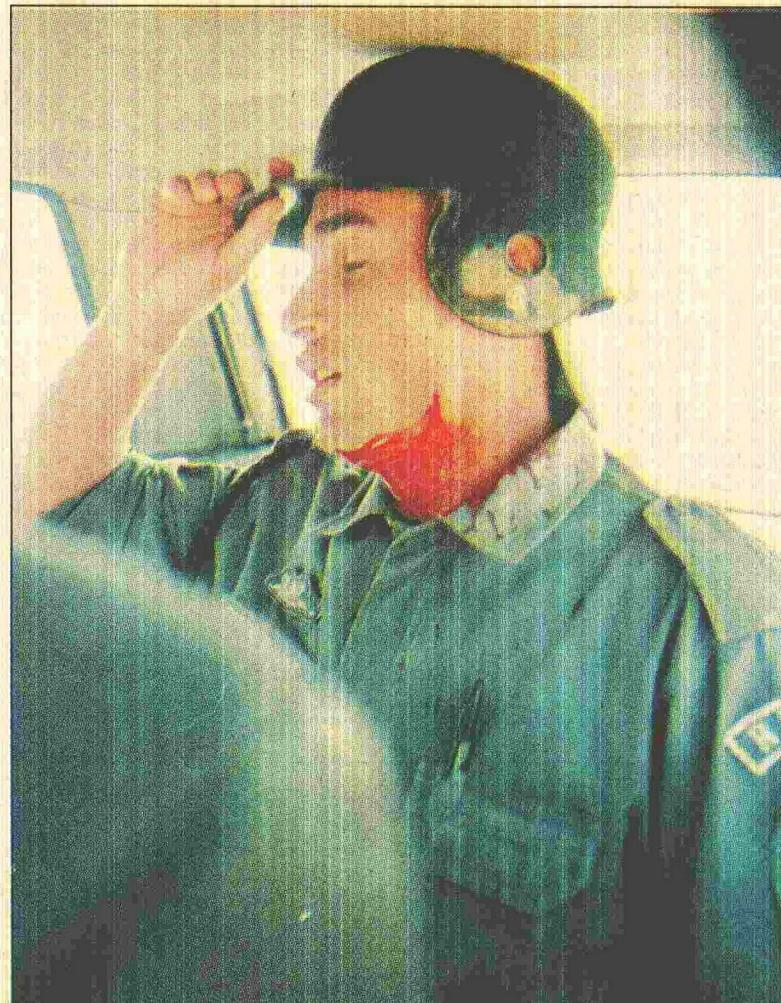
forem constatados excessos vamos tomar medidas disciplinares ou penais contra os militares ou civis", advertiu.

Os promotores não acompanharam o conflito dentro da invasão. Permaneceram na entrada, como fizeram os jornalistas. "Não tenho colete de prova de bala para entrar", justificou Paulo Gomes. Pelo que viu, ele disse que foram os moradores que iniciaram o confronto, jogando pedras e bombas caseiras e agredindo policiais. Gomes acusou a líder da Estrutural, Marcele Mendes, de incitar, no carro de som, os moradores. "Ela está mentindo para eles. Diz que os policiais vão

derrubar seus barracos", afirmou.

Os representantes do Ministério Públíco do Distrito Federal (MPDF) estiveram presentes durante toda a operação, cumprindo o convênio de cooperação técnica mútua assinado com a Polícia Militar, no dia 1º de junho deste ano.

Pelo acordo, o MPDF se comprometeu a acompanhar as operações da PM para avaliar a atuação dos policiais, garantir sua legalidade e impedir abusos de violência e de autoridade. Em troca, a PM está oferecendo cursos sobre tiro, munição e armamentos ao Ministério Públíco. (A.S. e J.S.)



Policial é ferido no pescoço por pedras jogadas pelos moradores

Líder assiste a tudo de um carro de som

A presidente da Associação dos Moradores da Estrutural (Asmoes), Marlene Mendes, acompanhou a operação e o conflito de um carro de som emprestado pelo deputado José Edmar (PMDB). Cercada por moradores, Marlene pedia pelos alto-falantes calma, proteção para as crianças e uma negociação pacífica. "Se for chamada para depor eu vou, não tenho nada a temer. Mas eles não querem negociar, senão não teriam vindo com todo esse armamento", acusa Marlene.

Ela diz que o GDF nunca ofereceu mil lotes no Recanto das Emas, nem para a Asmoes e nem para a população. "O governador diz que ofereceu lotes, mas a gente só recebeu derrubadas", completa.

Para o comando da Polícia Militar e os promotores de Justiça que acompanharam a remoção, a líder dos invasores, no entanto, estava incitando a população. "Ela é uma criminosa e está respondendo mais de 20 inquéritos policiais", disse o promotor Paulo Gomes de Souza Júnior. Marlene estava na mira dos promotores, mas não chegou a ser presa. (A.S. e J.S.)

TUMULTO

Barracos também foram invadidos

Em meio à batalha entre policiais e moradores da Estrutural, mulheres e crianças acompanhavam tudo aos prantos. Os barracos vizinhos aos supermercados e madeireiras demolidos foram invadidos por fiscais, que procuravam material de construção escondido.

Diante da resistência dos moradores, os policiais que acompanhavam a fiscalização tiveram que derubar as portas dos barracos e usar bombas de gás lacrimogênio e jatos de água. Ao entrar nas casas, os policiais se depararam com crianças pequenas e mulheres grávidas que defendiam seus barracos. As crianças e adolescentes também pegaram em pedras e fundas.

Menores - Quatro menores foram presos e um deles, identificado apenas por Ronaldo, chamava pela mãe. Ele teve o braço machucado pelos policiais. O capitão da Corregedoria da PM, Cláudio Farias Gonçalves, contou que uma criança - muito pequena - estava com pedras nas mãos e ameaçou jogá-las contra ele.

A moradora Raimunda Pires Vieira afirmou que foi agredida ao tentar proteger sua filha, Luana Vieira, de um ano, do gás atirado nos ombros e no ouvido da menina. Ela acusa o policial que a agrediu de ter feito gestos obscenos na frente de seus filhos. "Se eu tivesse uma arma nas mãos nessa hora, tinha dado um tiro naquele homem", disse Raimunda.

O motorista da empresa Sol Transportes Coletivos, Rogério Pinto da Silva, ajudou a vizinha Elaine Santos Carvalho, grávida de sete meses, a sair do campo de batalha que se transformou ontem a Estrutural. Nervosa, a gestante confessou que teve muito medo. O técnico em telecomunicações Nilson Gomes do Rosário saiu de casa para trabalhar às 7h30 sem saber da operação na invasão. "Quando fiquei sabendo da interdição da Estrutural fiquei apreensivo porque deixei minha mulher e filhos no lote", disse afliito sem poder entrar na invasão.

Outra moradora, Anelita Rodrigues, justificava seu tempo de moradia em Brasília para mostrar a injustiça do governo. "Se eles tinham lotes no Recanto das Emas para nós, por que nos mandaram para cá?" questionou.

O comandante da Polícia Militar do Distrito Federal, Ronaldo Chagas, explicou que PM não pretendia transformar a operação em uma batalha. "Nós viemos apenas para derrubar os comércios irregulares e apreender material. Todo esse policiamento foi escalado porque já sabíamos que haveria resistência", afirmou. (A.S. e J.S.)